

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**  
**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**  
**Percurso Histórico**  
**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Mario laneta**

**Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica**

**São Paulo**

**2018**

## **Ficha de cadastro**

Tipo de entrevista: história oral de vida e temática

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituições: Faculdade de Engenharia Agrícola – UNICAMP / Centro Paula Souza

Projeto original: Tese de Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na FEAGRI/UNICAMP sob a orientação da professora Maria Ângela Fagnani.

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A primeira entrevista de história oral realizada com o ex-diretor da Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas, Mario Ianeta, em 19 de janeiro de 2012, no Centro Paula Souza, pouco contribuiu como colaborador para a minha tese de doutorado na Faculdade de Engenharia Agrícola/UNICAMP. Então decidi telefonar ao diretor e marcar uma segunda entrevista. Fui até a sua residência para entrevistá-lo em 31 de janeiro de 2012. O interesse por uma nova entrevista com senhor Mario Ianeta visou identificar o processo de gestão do refeitório escolar, considerando que esse espaço oferecia estágio para as alunas do curso de “Auxiliares em Alimentação ou Dietistas”, e era realizado sob a supervisão de dietistas e médicos do Departamento de Ensino Profissional.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: Av. Paes de Barros, 2520 – apto. 131 – CEP: 03114-001 (residência)

Data: 31 de janeiro de 2012

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 88 minutos

Número de vídeos: três

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 31

### **Sinopse da entrevista**

Essa entrevista foi realizada em 31 de janeiro de 2012, para um projeto de doutoramento, com a intenção de realizar uma entrevista de história oral temática no campo da alimentação e nutrição, e, seguindo, o roteiro definido para a pesquisa. Essa entrevista aconteceu na residência do senhor Mario laneta, e durante a entrevista, a sua esposa Helena, interrompeu algumas vezes fazendo comentários do cotidiano. Ainda nessa entrevista, a entrevistadora percebeu que o professor e diretor Mario laneta tinha interesse em continuar narrando a sua história de vida. Assim sendo, a entrevistadora ouviu, mas incluiu questões do roteiro para a entrevista de história oral temática de sua pesquisa. Em 2018, a entrevistadora decidiu difundir essa entrevista de seu projeto de doutorado, no Programa de História Oral na Educação iniciado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP), em 2013, integrando-a ao projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente” (projeto Cetec 8.4.02.02/2018), a fim de começar a colher subsídios para a comemoração do cinquentenário do Centro Paula Souza, em 2019. Durante a entrevista o diretor Mario laneta forneceu algumas fotografias e documentos, de sua coleção, para fotografar e que apresento nas imagens a seguir:



Mario Ianeta, quando prestou serviço militar, s/d.

**Ginásio Industrial Estadual de Tupã**  
IV Campeonato de Futebol de Salão Inter-Professores  
dos Ginásios Industriais do Estado

Associação: Gin. Ind. Est. Martin L. King

Localidade: São Paulo - Tatuapé

Atleta-Prof. MARIO IANETA

São Paulo 15 de 06 de 1972

Ass. do Atleta-Prof. [Signature]

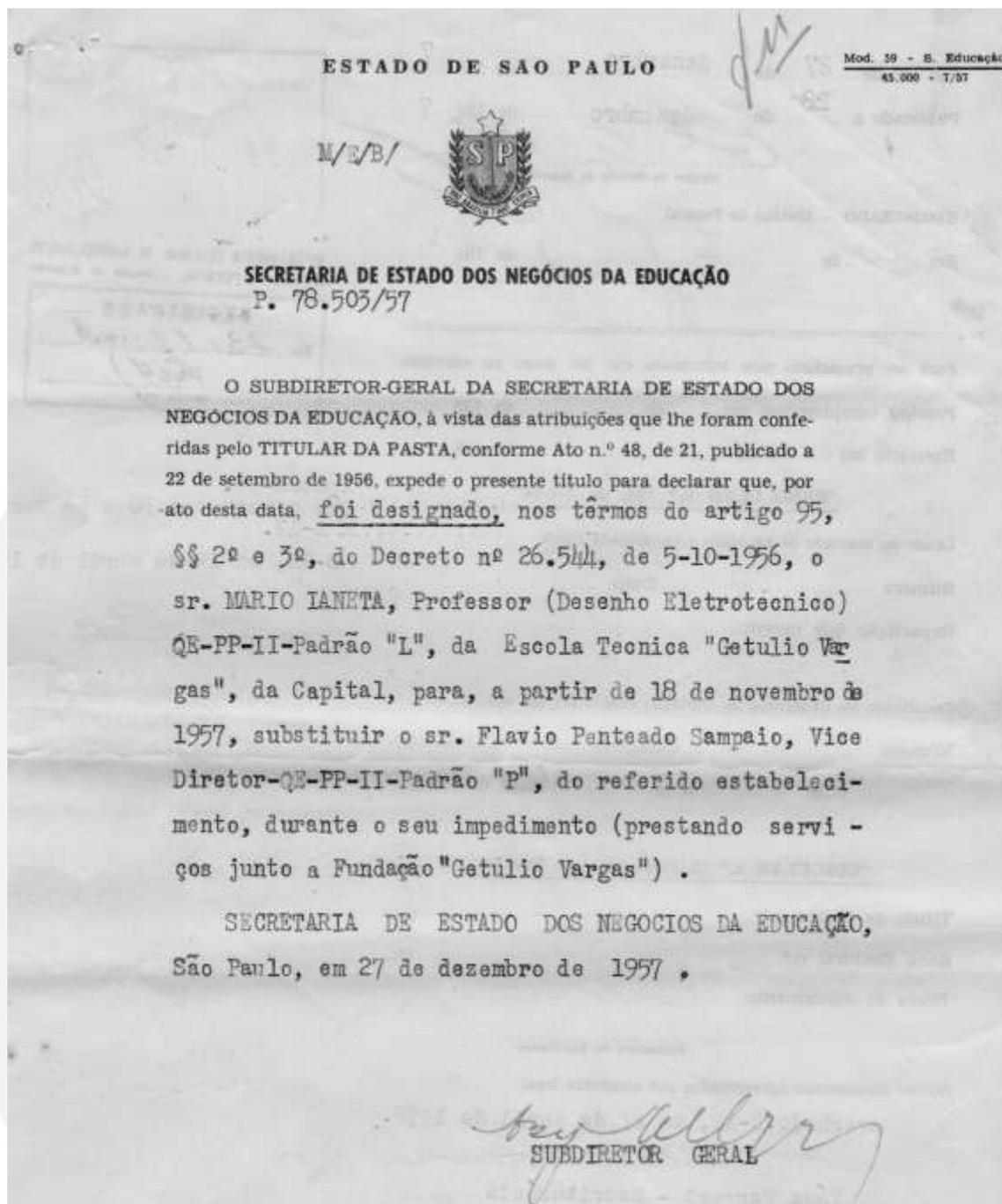
Ass. do Diretor [Signature]

Ass. do Insp. Regional Gerson Pinheiro Machado



Futebol - Campo do  
Herói Progresso - Tenha  
Tropa da E.T.G.V x Extra do  
Herói Progresso  
695

Mario laneta, primeiro a esquerda, como técnico do time da Getúlio Vargas



### Transcrição da entrevista

Entrevistado: **Professor Mario Ianeta** /Etec Getúlio Vargas, em São Paulo

Data da transcrição da entrevista: 8 de março de 2012

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

### **Vídeo um (10 minutos)**

**M. Lucia:** Boa tarde Prof. Mario Ianeta.

**M. Ianeta:** Boa tarde dona Maria Lucia.

**M. Lucia:** Eu quero agradecer a sua participação novamente, nessa entrevista, a segunda entrevista que nós estamos fazendo. Hoje é dia 31 de janeiro de 2012, e nós estamos aqui na sua residência, na Mooca, né, conversando hoje sobre o curso de alimentação e nutrição.

**M. Lucia:** Professor, na primeira entrevista eu tive o prazer de conhecer um pouco da sua história, fiquei sabendo que o senhor estudou no Ginásio Paulistano, AM, durante cinco anos né.

**M. Ianeta:** De 35 a 39.

**M. Lucia:** A 39, na Penha.

**M. Ianeta:** Não, não, o Paulistano era na Liberdade, não na São Joaquim, eu morava na Penha.

**M. Lucia:** Na Liberdade.

**M. Lucia:** O senhor morou na Penha, na travessa da Av. Gabriele Mistral.

**M. Ianeta:** Isso, isso.

**M. Lucia:** O senhor também me contou que o seu pai tinha olaria. Eu até me lembro desse giz Brasil, por que quando eu estava no primário, eu estudava na lousa. Eu comprava naquela caixa de madeira, era muito boa aquela caixinha para guardar coisas.

**M. Lucia:** E daí o senhor fez dois anos de pré-politécnico, inclusive na Escola Politécnica. Mas preferiu

**M. Ianeta:** Funcionava em anexo a Escola Politécnica, no mesmo prédio onde hoje está a Paula Souza.

**M. Lucia:** Preferiu a educação profissional

**M. Lucia:** Ah! Funcionava! É verdade, o senhor tem razão. Eu fiz mestrado na Escola Politécnica, isto em 1980, e quando eu fiz mestrado lá tinham uns viscosímetros que eram lá daquele prédio, da década de 50, então eu me lembro desses equipamentos e dessa historia.

**M. Lucia:** Bom professor, eu gostaria de lhe perguntar se o senhor se lembra do Dr. Pompêo do Amaral? E como?

**M. Ianeta:** Eu lembro, lembro bem. O nome dele não me é estranho, não. Embora o contato que eu tive com o doutor, não foi lá dizer de muito tempo, quando conversei com ele. Nos dias que eu conversei, porque ele ia apenas, e eu não era o diretor na época, e ele chegava, conversava com o diretor, com algum caso de aluno. Isso na escola, porque o forte dele era no Departamento do Ensino Técnico.

**M. Lucia:** E na escola. Que médico ficava na escola?

**M. Ianeta:** Como?

**M. Lucia:** Por que o Pompêo do Amaral era o médico chefe, e tinham outros médicos lá, que era o Dr. Nóbrega e o Dr. Barretos.

**M. Ianeta:** O Dr. Barretos.

**M. Lucia:** Então um deles ficava na escola?

**M. Ianeta:** O Barretos é que ficava mais tempo na escola.

**M. Lucia:** E o que eles faziam na escola?

**M. Ianeta:** Entre outras coisas ele estava lá, se algum aluno não passava bem. Como tinha o internato também, ele sempre dava aquele atendimento médico, vamos dizer, nestes casos. Aqui entre nós, foram poucos os médicos que permaneciam lá, os médicos iam fazer uma visita só, porque tinha a dona Yonne e dona Dalila. Essas pessoas é que tinham contato direto, e às vezes, eles iam à escola e conversavam com elas e iam embora.

**M. Lucia:** Por que naquela época tinham os alunos desnutridos e, eles (interrompe); parece até que eles tinham uma refeição, separado.

**M. Ianeta:** Isso eu me lembro, muito bem. Esse Mario Saito era um deles.

**M. Lucia:** Ah!

**M. Ianeta:** Inclusive, eu faço questão, e vou fazer o possível para a senhora conversar com ele. Por que ele esteve, graças a mim, ele esteve na escola, junto ao arquivo da escola, e obteve dados que eu mesmo já tinha esquecido.

**M. Lucia:** Que ano que esse Mario Saito foi aluno?

**M. Ianeta:** Ele terminou em 62, mas o curso de mecânica de automóveis, que é o curso básico industrial.

**M. Lucia:** Então ele deve conhecer bem a professora Dalila?

**M. Ianeta:** Oh! A Dalila veja bem, a tia dela, mora nesse prédio. No meu prédio, e a dona Dalila chegou uma das vezes, veio me visitar. E eu até falei, porque a chefe vamos dizer assim, o síndico é parente da Dalila.

**M. Lucia:** Ah! Tá.

**M. Ianeta:** E então eu falo sempre, poxa, a Dalila em vez de subir para conversar comigo. Ela vem; que ela machucou a perna, eles acham que, como ela era moça, como quando eu a conheci, vai ver que é questão e então ela está mancando. E então ela não tem razão para fugir.

**M. Lucia:** Ela continua muito bonita, a professora Dalila.

**M. Ianeta:** Até nas festas eu convido e ela não vai.

**M. Lucia:** O senhor sabe a historia que tem da professora Dalila lá escola feminina? É que a professora Dalila comia uma maçã por dia e por isto que ela se mantém jovem.

**M. Ianeta:** Quem sabe eu vou voltar a ser jovem. Sabe por quê? Há poucos dias, o meu sobrinho, disse: - tio o senhor que gosta... Ele me trouxe aqui uma receita de extrato de maçã e agora você esta me falando, e então todo dia ela comia.

**M. Lucia:** Ela todo dia comia uma maçã.

**M. Lucia:** Professor, e do trabalho da professora Dalila, ela tinha bastante contato com o senhor?

**M. Ianeta:** Todas às vezes eles faziam isso. Se o aluno era obrigado a entrar na dieta obrigatória, e às vezes, eles queriam comer aquilo que eles gostavam, e elas obrigavam que eles comessem apenas aquilo. Então às vezes a Dalila e a dona Yonne, elas iam lá conversar comigo: - Escuta tem que chamar a família, porque eles não querem. E então só para esses casos, que eu, vamos dizer: - eu entrava, chamava o aluno e elas chamavam também a família, e mostrava que era para o bem deles e que...

**M. Ianeta:** Eles não gostavam da comida da escola. A dieta que eles eram obrigados a fazer, eles gostavam de feijão com arroz, não entrava feijão, e eles não permitiam no cardápio feijão, feijão era... Inclusive até bem pouco tempo a gente brincava que a escola obrigava o aluno comer o que a dona Yonne e a dona Dalila queriam. E teve outra que ficou até pouco tempo também, como professora lá.

**M. Lucia:** A Edenir?

**M. Lucia:** A Edenir. Acho que é sim, mas não é não. É outro nome, eu fiquei pensando no barulho da porta. (fim da gravação do vídeo um).

Nesse momento pela porta da sala entram a esposa Helena e uma das filhas do professor Mario laneta (interrompemos a entrevista e a gravação).

### **vídeo dois (48 minutos)**

A esposa do professor laneta entra na sala do apartamento, vindo das compras com uma das filhas, local onde estamos realizando a segunda entrevista.

**M. laneta:** Helena você sabe que não acende aqui a luz?

**Helena:** Não acende. Ué.

**M. laneta:** Nãaaoo.

**Helena:** Ué. Por quê?

**M. laneta:** Vai apertando, vê se você consegue. Não sei o que o Flavio fez ontem. A única que devia acender, não acende.

**Helena:** Olha que coisa. (ela cumprimenta e vai para dentro do apartamento)

**M. laneta:** Mas acendeu ontem.

**M. laneta:** Bom pode fazer.

**M. Lucia:** Além da Dalila e da Yonne, tinha outra professora, o senhor disse, não é a Edenir?

**M. laneta:** Não é. (silêncio) Magrinha.

**M. Lucia:** Quem será? Tinha a Dalva, quem mais, a Maria Cecília Bella, bom essa era gordinha, não.

**M. laneta:** Bella, nós tivemos o vice-diretor Osório Bella, será que é parente dela.

**M. Lucia:** Bom, deve ser. Não lembro também. Mas o senhor sabe: - diz que o Pompêo do Amaral gostava muito de ter o fubá. E daí, diz que todo dia, tinha uma receita com derivados de fubá. E daí saiu no jornalzinho da Getúlio Vargas. (risos)

**M. laneta:** Eu não sei se era a dona Yonne, ou ele, que não permitia a entrada do feijão.

**M. Lucia:** Era o Pompêo do Amaral.

**M. laneta:** Era o Pompêo do Amaral.

**M. Lucia:** Isso.

**M. Lucia:** E como era isso? Era um problema?

**M. laneta:** Problema para os que vinham do interior.

**M. laneta:** Mas nos explicávamos, como eu disse, mostrando que era para o bem deles. Reunimos os pais: - se o senhor não puder, por que às vezes era do internato, e o que nos vamos fazer para ele comer fora? - Eles não têm condições de pagar. Tem que comer o que a dona Yonne... - Por quê nos chamávamos sempre a dona Yonne, era a responsável, e ela era a chefe.

**M. Lucia:** Ela era a chefe deste setor de Alimentação e Nutrição dentro da equipe do Dr. Pompêo do Amaral.

**M. laneta:** É exatamente. Eu acho que no livro do Arnaldo Laurindo tem muita coisa do Pompêo.

**M. Lucia:** Tem. Eu sei.

**M. laneta:** A senhora têm os dois volumes? Eu tenho os dois volumes. Eu vou mostrar o livro.

**M. Lucia:** Eu só tenho um volume e eu preciso. Eu quero ver, por que daí eu vou tentar comprar o outro.

**M. laneta:** O Mario Saito, ele conseguiu acho que na escola. Eu lembro que na escola tinha um livro só, mas eu recebi na época os dois.

**M. Lucia:** Eu quero até ver. É bom a gente ver.

**M. laneta:** Agora eu não sei se os dois são iguais. (risos)

**M. Lucia:** O professor Pompêo do Amaral ele escreveu vários livros, em 1954, e ele ganhou até o prêmio nacional da alimentação por causa destas pesquisas, que ele fazia nos refeitórios com os alunos. De coletar os dados e estas professoras faziam juntas com ele. A professora Neide ela ajudava a fazer os inquéritos, analisar os dados, inclusive ela foi da mesma turma da Dalila Ramos. Agora Dalila ficou muitos anos na sua escola.

**M. laneta:** Na Getúlio, eu saí e ela continuou.

**M. Lucia:** O senhor saiu que ano?

**M. laneta:** O que aconteceu comigo foi o seguinte: - Em 62, eu estava na direção da escola e eu fui chamado no Departamento. Uma comissão tinha chegado a uma conclusão. Ao seguinte: - que tinha que reformar o prédio da escola e que não podia ser feito com os alunos presentes. E então, que eles

iam procurar um prédio para mudar a escola para esse prédio. E eu nunca. As famílias dos alunos e os professores, também, começaram a colocar a responsabilidade da mudança em Mario laneta. Eu fui obrigado em reuniões, tanto no Departamento: - que o Mario laneta não foi ouvido. - Vocês tiraram inclusive uma responsabilidade, que até hoje eu só tenho que agradecer. (tosses) - Por que eles fizeram o seguinte: poxa porque a Getúlio vai para três prédios?

**M. Lucia:** Quantos alunos tinham?

**M. laneta:** Nós tínhamos diurno e noturno, quase dois mil alunos. E eles disseram que não dava para fazer a reforma, devido ao numero de alunos e de cursos. E não dava para fazer a reforma com os alunos dentro. Então eu recebi ordem. Não fui o culpado não. Ah! Eu esqueci o principal: - Eu abri o primeiro dia da mudança. E eu segui, o seguinte critério: - os caminhões que eram do Estado, e tal, e uma pessoa da escola vai ter que relacionar independente de cada oficina. Ele sabe o detalhe e depois eu ponho o meu visto. Bom, infelizmente, infelizmente não. Por que eu acho que foi a minha mãe, que já tinha falecido, alguém me ajudou. Porque veio uma ordem e ai eu fiquei responsável pela escola: - o senhor vai ser diretor das três escolas.

**M. Lucia:** Mas isso em 62?

**M. laneta:** Em 62. Não tinha nada, não tinha móveis, não tinha força. Eu escolhi dois assistentes e eu, três. E cada um dos meus assistentes, indicados por mim, professor ou não, eu vou lá uma hora ou outra, mas eu não posso ficar em três lugares. Mas responsável: - eu queria ver isso. Eu não vi publicado, somente recebi uma ordem do departamento: - Mario, você vai ficar com a responsabilidade das três escolas.

Neste momento entra na sala a sua esposa Helena (apelido, pois o seu nome é outro – Rosa Nassar, que ela e a mãe não gostavam e que ele ficou sabendo somente no dia do casamento, em 1954) trazendo uma gravata cinza que comprou para ele durante as compras com a filha.

**Helena:** Gostou o que eu comprei para você?

**M. laneta:** Bonita. Helena, eu não tenho uma parecida?

**Helena:** Não, você não tem.

**M. laneta:** Você gostou também Maria Lucia?

**M. Lucia:** E bonita essa gravata.

**Helena:** Linda, não.

**M. laneta:** Parabéns. Soube escolher.

**M. laneta:** Então o Departamento criou uma comissão, cinco ou seis pessoas que vão ser responsáveis pela mudança. Eu falei: - graças a Deus. Porque no primeiro dia, nas primeiras horas, eu fui obrigado a registrar o que estava saindo em cada caminhão e para onde ia. Eu não tinha, e não tenho, nem o direito de dizer não. Eu era o diretor e eles disseram: - vai mudar e por enquanto é você.

**M. Lucia:** Mas foi definido antecipadamente o que ia para uma escola ou para outra?

**M. laneta:** Nada. Quando eles me chamaram e disseram o seguinte: - laneta, a única escola que vai ter o direito de dar aos alunos os cursos que vinham fazendo aqui na Piratininga, vai ser a escola que tem curso técnico; - Nenhuma das outras duas; - Curso básico ou curso de mestría, curso técnico só na Escola Getúlio Vargas. E eu então: - poxa só a Getúlio Vargas. E eu acabei, poxa! E o Heméritas ficou uma parte lá, foi um outro lá, e o Garcia Lealque era orientador educacional, ficou como meu assistente na Getúlio Vargas. E o Carlos Sinele, que faleceu já, e era muito meu amigo...

**M. laneta:** Olá filha.

**M. laneta:** O Sinele ficou como meu assistente na Rocha Mendes e o Heméritas ficou no Luther king uma boa parte também.

**M. Lucia:** Agora as escolas já tinham estes nomes: - Rocha Mendes?

**M. laneta:** - Nada. Era GV setor Tatuapé, GV setor Vila Prudente, e a única que tinha GV era a do Ipiranga. A única as outras duas não.

**M. Lucia:** Quando foi?

**M. laneta:** Em 63.

**M. Lucia:** Esses prédios já estavam prontos?

**M. laneta:** - A senhora nem queira saber a questão do prédio. O prédio não foi feito para a nossa escola. O Carvalho Pinto fez sete ou oito escolas, senão me engano. Uma em cada bairro. Para ter essas escolas o curso básico, nenhuma o curso técnico. A escola não tinha condições de dar esses cursos. Não tinha condições.

**M. Lucia:** Não tinha laboratório?

**M. laneta:** Não tinha nada. Não queira saber o que eu sofri. Primeiro o professor dizia: - escuta. No começo no Martin Luther king não tinha nem força, só tinha luz. Consegui com muita dificuldade, para colocar uma parte.

**M. Lucia:** Quer dizer não tinha capacidade elétrica para por as máquinas?

**M. laneta:** Não tinha condições.

**M. laneta:** Eu tinha que: - fui chorando as mágoas no Departamento. O Departamento foi adquirindo máquinas e colocando. As máquinas do técnico foram todas para Getúlio Vargas. E tinha uma vantagem na época: - que estava num grupo só; porque a mesma máquina servia para os dois cursos, e agora, os alunos iam se locomover para ter aulas lá em outro bairro. O Luther king não tinha nada. E eu fui agora pouco homenageado. É por que eu: - eles citaram o nome do primeiro diretor, e eu fui o primeiro diretor. Eu morava na Penha. Então eu dei muito mais atenção no início. Eu dei muito mais atenção para o Luther king, do que as outras. Mas porque a Getúlio Vargas já vinha funcionando e continuou.

**M. laneta:** Por que os prédios do Carvalho Pinto. Ah! Esqueci, de dizer o principal: - porque entrou o Ademar de Barros. E antes era o Ademar, quando ele entrou, era uma rivalidade tremenda, o prédio ficou muito tempo vazio, sem máquinas, sem coisa nenhuma, eram inimigos.

**M. Lucia:** E quem construiu os prédios?

**M. laneta:** Foi o Carvalho Pinto. Mas não construiu para Getúlio Vargas. Ele construiu para outras escolas que iam funcionar, mas todas de nível até abaixo de básico industrial. Então o professor: - o que aconteceu agora? - Os professores que estavam entraram, existia, na época, a Associação do Ensino Industrial e Agrícola – ADEIA, e eles se reuniram, e eles iam entrar em greve; - e iam entrar em greve, na hipótese de mudar; - porque eles queriam continuar lá na Rua Piratininga, e infelizmente, esses professores perderam a questão. - Porque no Departamento do Ensino Técnico e Secretaria da Educação, agiram da seguinte forma: - puseram polícia e colocaram Getúlio Vargas, em todas elas. - Porque sendo Getúlio Vargas: eles não podiam entrar em greve. - Porque eles puseram Getúlio Vargas em todas elas? - Só que uma, depois, e que passaram a denominações diferentes.

**M. Lucia:** Que ano foi que mudou?

**M. laneta:** Em 62, em 63, e 64.

**M. Lucia:** Porque mudou de nome?

**M. laneta:** Mudou de nome, bem depois de 65, mudou de nome.

**M. laneta:** Depois que ele morreu deram o nome

**M. laneta:** Se soubesse como o Mario sofreu. Porque os pais fizeram um movimento achando que eu mudei o nome da escola. Porque eles sabiam que o nome Getúlio Vargas, tinha um nome, que no diploma valia muito mais, do que qualquer outra coisa. Eu reuni todos e disse: - ataquem quem merece; - eu não mereço isso; - eu tive que escolher uma escola. Era mais próxima.

Mas por mim eu ficava aqui: - GV setor Tatuapé. Eu tinha que correr as três: - o Sinélio tinha sido meu vice-diretor na GV, tinha muita prática e o Garcia tinha sido orientador educacional.

**M. Ianeta:** E a Getúlio Vargas do Tatuapé só tinha o nome, por que o corpo docente eles escolheram a vontade. Quem era professor do técnico, e quem era professor do industrial, foi obrigado, foi escolhido, e eu tenho a relação. A Secretaria da Educação obrigou quem deveria ir para tal escola.

**M. Lucia:** A decisão foi do Departamento?

**M. Ianeta:** A decisão para vencer os professores foi do Departamento, e o departamento que enviou para a Secretaria da Educação. E a palavra final veio da secretaria de educação, e as escolas se tornaram autônomas. Com nomes diferentes, e os elementos, eu ainda fiquei uma temporada no Luther king, porque eu fiquei como efetivo e eu escolhi.

**M. Ianeta:** - Mario você deu uma sorte desgraçada! Você ficou na melhor escola.

**M. Ianeta:** A Helena, por exemplo, disse: - você tinha que ficar na Getúlio Vargas. E eu disse: - lá tem tudo perfeito, e eu vou fazer a Luther king a minha maneira. - Mas eu, desculpe a modéstia: - eu fui prejudicado em tudo. Os pais diziam do Luther King: - nós queremos o senhor, mas nós queremos o nome Getúlio Vargas.

**M. Lucia:** Naquela época a questão do racismo era muito grande aqui, o fato de ter escolhido o nome de um negro da escola?

**M. Ianeta:** Não isso não influenciou.

**M. Lucia:** Ainda bem.

**M. Ianeta:** Não a escola tinha mais de 70% de japonês, e tinha até da Getúlio. Eles não eram contra o nome de Getúlio para a escola. Eles achavam: - eles não eram contra o nome Getúlio para a escola, eu também achei que: - não pode três escolas com o mesmo nome. As duas escolas eram Ginásio Industrial Getúlio Vargas. Porque não tinham cursos técnicos. E eu acabei me aposentando pelo Luther king.

**M. Lucia:** Que ano o senhor se aposentou?

**M. Ianeta:** E agora.

**M. Lucia:** Na década de 70.

**M. Ianeta:** 80. Acho que em janeiro, não fevereiro de 80.

**M. Lucia:** Professor, agora quando saiu, em 62, houve uma mudança porque o Arnaldo Laurindo, ele saiu logo depois, em 62, não foi?

**M. Ianeta:** Houve. O Arnaldo Laurindo já tinha saído com a mudança. Estava o... Tivemos três ou quatro diretores, agora os nomes...

**M. Lucia:** Era o Walter.

**M. Ianeta:** O Walter Costa.

**M. Lucia:** O Walter Costa foi o terceiro superintendente

**M. Ianeta:** Teve o Paulo Guaracy da Silveira, foi depois do Walter, e teve mais um outro: - tem um que era do interior, mas esse foi antes, mas ele morreu com mais de 90 anos, ele era de Lins. Ele veio do interior, ele se aposentou lá pela escola de Santos, Escolástica Rosa, o nome dele me vem daqui a pouco.

**M. Lucia:** O Paulo foi depois do Walter?

**M. Ianeta:** Ele veio do interior.

**M. Lucia:** Ele veio depois de quem?

**M. Lucia:** O primeiro foi o Horacio da Silveira que veio de Amparo

**M. Ianeta:** Esse professor veio do interior também. Acho que de Lins. Ele veio para Getúlio Vargas, em um concurso de remoção. Ele escolhe a Getúlio Vargas, e eu era Técnico em Educação, mas trabalhando com ele. Era, obrigado a seguir as ordens dele, Antonio de Assis Nogueira.

**M. Ianeta:** Mas ele foi diretor.

**M. Ianeta:** Foi diretor na Getúlio e foi diretor na Escolástica Rosa. Ele morreu agora pouco, acho que teve mais um.

**M. Lucia:** Mas ele não foi superintendente.

**M. Ianeta:** ...

**M. Lucia:** Mas acho que não deu tempo, a Superintendência não terminou?

**M. Lucia:** O Paulo parece que ele trabalhava junto com...

**M. Ianeta:** O Paulo foi Técnico em Educação, e a parte de cultura geral.

**M. Lucia:** Isso foi.

**M. Ianeta:** O Arnaldo Laurindo: - acho que foi um elemento, que eu esqueci o nome dele, mas eu vou dar depois para a senhora. Esse teve um problema que foi o seguinte: - deixe eu ver se eu lembro de detalhes. Acho que é o pai do Paulo Guaracy, como é que chamava: - pai do Paulo Guaracy.

**M. Lucia:** Tinha o Basilydes de Godoy lá também na Superintendência. Ele foi diretor de Sorocaba.

**M. Ianeta:** Sabe como ele chamava? Eu tenho uma carta dele.

**M. Lucia:** Do Basilydes de Godoy?

**M. Ianeta:** Não, Basilydes de Godoy, não. Outro que foi para direção da escola, e ele inclusive tem uma carta. E ele ao se aposentar, ele escreveu uma carta para o Arnaldo Laurindo. Ele queria ser diretor do departamento. Ele morria de amores pelo departamento, mas ele não era muito bem querido. Ele era tipo marechal nas escolas. Eu fui vice-diretor dele, eu tenho a carta. Quando ele se aposentou ele mandou uma carta para o Departamento, e ele mandou uma carta para o Arnaldo Laurindo. Ele disse que o único diretor da escola, podia ser Mario Ianeta. Eu era Técnico de Educação, tudo isso me valeu. Nós tivemos quatro ou cinco diretores, que entravam no concurso de remoção, e eles ficavam dois ou três meses, e se aposentavam. Por que a escola oferecia uma ou duas letras a mais, do que as outras escolas, porque tinha curso técnico, não exigiam a ser que fosse diretor.

**M. Ianeta:** Diógenes de Almeida Marins, que eu queria falar.

**M. Lucia:** Ah! Eu me lembro desse nome.

**M. Ianeta:** Este tinha uma fama de ser um verdugo. (risadas) Bom, então a escola, esses elementos que ficava três ou quatro meses, eu tive tanta sorte, que eu fui diretor antes da escola mudar.

**M. Ianeta:** Quando ele saiu, depois eu vou mostrar o meu currículo, você vai ver quantas vezes eu fui diretor. E vou perguntar: - quantos anos? - Eu digo: - não sei, eu ficava dois anos. Só depois que eu fui aprovado no Pedagógico, fui para Getúlio Vargas, e aí houve o concurso de ingresso, e eu entrei no concurso de ingresso, e peguei o primeiro lugar. Então eu escolhi a Getúlio Vargas.

**M. Lucia:** Esse pedagógico que o senhor diz: - é o instituto?

**M. Ianeta:** É o Instituto Pedagógico Industrial e o primeiro diretor foi Álvaro Pestana Catão e, essa escola, para fazer o curso de administração ou de professor mesmo. Ele foi como eu fui, sendo que eu ia fazer o curso de Administração de nível superior. A lei que criou esse curso para funcionário Pedagógico, dizia que era curso superior. Eu já tinha dois cursos técnicos. Fiz primeiro o Pedagógico, fui aprovado e aí eu fiquei afastado dois anos, porque o Departamento determinou. E agora vem outra história: - eu fui lembrado, mas sempre não sei se fui beneficiado financeiro. A escola então, como eu falei: - O Instituto Pedagógico criava o curso superior eu já tinha tudo os dois. Sabe o que aconteceu? Depois de formado eu recebi uma notícia muito boa, que saiu no diário oficial tornando sem o direito de ser curso superior.

**M. Lucia:** E justificava por quê?

**M. laneta:** Dizendo que não tinha o número de horas suficientes para ser curso superior. E eu como é que pode? O Pedagógico me deu o direito: - Primeiro lugar, eu fiquei como diretor da escola, e foi por ter feito o Pedagógico. Quem pegou em primeiro lugar foi meu colega Técnico em Educação, formado em Desenho Técnico, eu tinha amigos em todo canto, e ele disse: - Mario você foi prejudicado porque não levaram em consideração a sua nota de desenho de eletrotécnico. - Entrei com recurso e ganhei. E a sorte foi por ter feito o curso de diretor no Pedagógico, porque que dava mais ponto que o formando em educação pelo ensino secundário.

**M. Lucia:** Isso foi em que ano?

**M. laneta:** Foi em 59 ou 60, e tem mais uma coisa. Em 60, eu recebi junto mais um presente de grego. Acho que era o Arnaldo Laurindo, acho que era o seu Diógenes, acho que não.

**M. Lucia:** Depois do Arnaldo, acho que foi o Walter Costa.

**M. laneta:** Acho que não era o Walter Costa. Acho que foi outro, ele me chamou e disse: - laneta. Faltavam seis meses para terminar o curso, eu estava no segundo ano. E ele falou: - laneta, você vai ter que voltar para a escola, por que esta uma bagunça e o vice-diretor. Os dois já faleceram. Foi professor de pintura, lá do feminino, De La Bella. - Como? Você vai ter que fazer o seguinte: - você vai fazer meio período na Getúlio, para voltar o que era a Getúlio. Mas que coisa: - ele não era melhor, nem pior, que o Mario. Tem gente lá que pode ajudar. Você vai ter que voltar. Saiu a publicação dizendo que eu perdi a bolsa, que eu não tinha o direito de ficar lá, e dizendo que eu teria que ficar meio período na escola. Fiquei meio período no Pedagógico e fui diretor da escola.

**M. Lucia:** O senhor tem esses documentos? O senhor tem guardado estas coisas?

**M. laneta:** Sabe isso não saiu publicado em lugar nenhum. O pai dele, e ele, foi diretor da nossa escola. Ele foi professor da nossa escola, eu não me lembro. Então veja bem: - deixei de ter curso superior, por que a escola era outra antes do Mario laneta, e, depois do Mario laneta. A mesma coisa no Luther King: - volte por que você é o único diretor efetivo. Era você, volte e depois você se aposenta. Acho que é devido à amizade, por que eu não tenho capacidade para tanto.

**M. Lucia:** Não deve ser professor, não. Professor deixa eu lhe perguntar: - a Carlos de Campos era técnica e voltou a industrial?

**M. laneta:** Foi uma lei que obrigou, ela não era escola técnica, depois houve uma lei que escola só aquela que mantivesse curso técnico e somente a Getúlio tinha curso técnico, então botou escola técnica Getúlio Vargas.

**M. Lucia:** Então por isso a Carlos de Campos voltou para industrial, por que era curso industrial e de aperfeiçoamento.

**M. laneta:** Não tinha o curso técnico.

**M. Lucia:** Elas tiveram que fazer de novo o curso técnico. Acho que em 66 ou 67. Elas tiveram que fazer de novo. Eram professoras e eram alunas do curso, por que senão elas não tinham nada, olha que absurdo.

**M. laneta:** Mas a Getúlio eu acho que recebeu o mesmo tratamento. Mas é que nós tínhamos, a Getúlio Vargas o curso desde 43, por que eu que pertença à primeira turma de 45, e levei algum coice e alguma coisa. E também fui diretor devido a diferença de pontos, por que fiz o Pedagógico, e quem tinha experiência. Seu Barros, por exemplo, quando ele se aposentou, eu passei de Técnico de Educação a Diretor, não efetivo, mas o diretor em exercício. Depois do curso técnico a Getúlio Vargas até hoje, não pode deixar de ter o curso técnico para ter o nome de escola técnica.

**M. laneta:** A Carlos de Campos tem técnico?

**M. Lucia:** Hoje todas têm. Na década de 70, a legislação que o Passarinho propôs, ele queria que todos os cursos fossem profissionais, ele quiz que os alunos da Escola Estadual, só que não tinha laboratório, não tinham condições como essas escolas iam funcionar.

**M. laneta:** Sabe você fala de laboratório. Na festa da escola, sabe: - eu tive dois inimigos. Ele era professor muito bom, de cor, e eu não vou dar o nome para não ficar muito chato, eu estava ainda como diretor, e ele como professor. E ele veio a mim e disse: - laneta falam tanto que você vê as coisas e que você resolve. E eu vi no laboratório umas caixas fechadas e até hoje está fechado, você tem uma explicação sobre isso? É que vocês não tem capacidade de manejar estas máquinas. E eu tinha mandado uma carta para o departamento, para contratar um professor para ensinar os nossos professores para aquelas máquinas. Por que eles não conheciam e, você sabe, e eu disse é que: - vocês não tem capacidade para montar. E ele achou que eu estava ofendendo.

**M. Lucia:** Isso foi que ano?

**M. laneta:** O professor era professor do industrial, e as máquinas eram para o técnico. Porque o curso industrial de Máquinas e Instalações Elétricas não tinha a disciplina de laboratório, o curso técnico tinha. No departamento é que pediram as maquinas.

**M. Lucia:** E essas máquinas vieram da onde, da Alemanha?

**M. laneta:** As maquinas vieram dos Estados Unidos.

**M. Lucia:** O que eram? Eram tornos?

**M. Ianeta:** Era para o laboratório, eram máquinas que exigiam conhecimento de física. O professor já morreu, mas ele achava que o conhecimento dele de matemática era tão fraco, e para mim que tinha a mais que meus colegas, eu tinha pré-politécnico. Por que o professor falou: - eu fui um dos melhores alunos de matemática do ginásio. E então eu falei: - você não pode dar aula, você não conhece. Esse professor chamava a lei de ohms, eu expliquei já.

**M. Lucia:** O senhor já me contou isso.

**M. Ianeta:** Ele chamava a lei de ohms, tem três letras duas tem que ser dado em comparação à terceira. Então agora vem o término: - na festa um colega deles fizeram tudo, por que você não tem inimigos Mario. Eu gostaria que o Washington da Costa Pedro, bom a carta eu mandei, e ele não compareceu. E nesse último, ele compareceu e disse: eu fico bobo como eles chegam para o Ianeta, e ele começou a chorar. Eu disse: - eu fico bobo como eles. Esqueça, disso aí, somos amigos. Eu te ofendi. Ele disse você tinha razão.

**M. Lucia:** Isso que eu ia falar.

**M. Lucia:** Eu acho que, quando o senhor fala, eu não mereço, não é verdade, as pessoas tem gratidão pela sua atuação enquanto profissional.

**M. Ianeta:** Se eu tivesse feito um curso de engenharia e um curso técnico, eu acho que estaria em condições de fazer uma direção bem melhor.

**M. Lucia:** Eu acho que não, por que o fato de ter um diploma, eu vejo isso, por exemplo: eu estou na academia para fazer o doutorado, porque sem o diploma não me abrem as portas. Eu não estou muito melhor porque eu estou lá, porque as coisas que eu vou adquirindo é por essa convivência com o grupo, é essa troca.

**M. Ianeta:** Eu lembrei: - de um professor, que foi professor de eletrotécnica, ele é famoso, mas morreu, porque o Ubirajara esta hoje em uma UTI. Eu não sei se contei a historia dele.

**M. Lucia:** Foi ele quem escreveu aquela homenagem dos 100 anos?

**M. Ianeta:** Aquele texto, antes de ser hospitalizado e foi para a festa dos 100 anos.

**M. Ianeta:** Saiu do Hospital do Servidor e foi na festa.

**M. Ianeta:** A leitura não foi dele. Ele escreveu e eu li.

**M. Lucia:** Porque eu tirei cópia lembra?

**M. Ianeta:** E tem alguma coisa que eu vou dar depois, fizeram uma homenagem e quem escreveu foi ele. Esse Ubirajara, acho que esse caso, eu contei. Ele teve um caso com um professor Guido Gonçalves de

Albuquerque, ele foi professor de eletrotécnica e foi diretor do Departamento por pouco tempo, e o Guido ele dava nota zero em quantidade. A maioria não queria ver o Guido nem pintado, disciplina principal nossa.

**M. Lucia:** Ele era professor de que?

**M. Ianeta:** Era professor de Eletrotécnica.

**M. Ianeta:** Disciplina principal nossa.

**M. Ianeta:** E o Ubirajara, era da minha turma, e o Ubirajara disse: - você me da licença de eu fazer uma pergunta para o senhor? Antes de começar o exame? E eu quero saber quanto que o senhor dá para presença de um aluno que está no exame oral? Que de nota, para quem está presente? E ele disse: - um ponto. E então, ele disse: - então obrigada, eu preciso de meio ponto. E eu estava na escola e isso realmente aconteceu, e ele foi muito meu amigo, e, ele está no hospital e eu preciso visitá-lo. E ele tem por mim uma amizade como fosse meu irmão, e ele tem alguma coisa que ele exagera, ele começa dizer que eu era o verdadeiro líder.

**M. Lucia:** O senhor é um líder, né.

**M. Ianeta:** Ele disse que eu era um líder no ensino técnico. Fala na homenagem que ele prestava.

**M. Ianeta:** Eu dou para o Heméritos ou eu vou lá levar para a senhora.

**M. Lucia:** Eu fico lá no Parque da Juventude.

**M. Ianeta:** E perto de que?

**M. Lucia:** É perto do metro Carandiru, onde era a detenção.

**M. Ianeta:** O Heméritos me explicou. Olha tem mais alguma coisa que a senhora desejaria ouvir?

**M. Lucia:** Eu queria de saber se o senhor lembra quando foi criado o curso de nutrição na Getúlio Vargas? Foi mais ou menos em 78.

**M. Ianeta:** Eu não estava mais lá

**M. Lucia:** O senhor não saiu em 80?

**M. Ianeta:** Não, eu saí em 63, quando a escola se desmembrou.

**M. Lucia:** Ah! É verdade.

**M. Ianeta:** Eu saí em 63 ou 64, quando a escola se desmembrou, agora eu continuei porque era chamado todo momento na Getúlio. Porque ninguém

conhecia o ensino técnico. O diretor Diógenes de Almeida Marins veio de Sorocaba, o Antonio de Assis Nogueira veio de Lins, e outro diretor, veio de..., que o filho dele foi Técnico de Educação e ficou para a escola e ficou muito pouco tempo na Getúlio. Então eu tenho nas minhas nomeações, tenho as nomeações para diretor, mas tenho também para professor, eu tenho todos os documentos.

M. Lucia: Tudo o que o senhor tiver de documento eu gostaria de tirar uma cópia (fim da gravação do vídeo dois)

### **vídeo três (30 minutos)**

M. Lucia entregou dois artigos seu ao diretor Mario Ianeta, um sobre o Francisco Pompêo do Amaral, apresentado no Simpósio dos 100 anos e outro, dos cursos ferroviários, apresentado no NEHO/USP.

**M. Ianeta:** Eu posso emprestar para você (referindo-se ao livro volume dois do Arnaldo Laurindo)

**M. Lucia:** Isso, porque eu tiro uma cópia, porque eu quero escrever essa sua historia. A trajetória do senhor.

**M. Ianeta:** A história, eu falo a verdade, devia ter gente muito mais capacitada. Eu acho, a maneira de tratar influi muito, e eu era uma pessoa, que em reuniões da escola, todo mundo dizia: - as festas que você dava lá no Martin Luther King, até hoje dizem que não houve festa que a gente não lembrasse o seu nome. Eu tinha amizade, o dono da Padaria Lisboa, no Tatuapé, famosa, ainda tem.

**M. Lucia:** Fica bem na esquina.

**M. Ianeta:** Esse elemento nas festas: - ele dava panetone, dava pão, até hoje. O dono do Bauducco, aliás, foi aluno da Getúlio.

**M. Lucia:** Que ano ele foi aluno?

**M. Ianeta:** Foi em 1957, e ele que me procurou e, depois, eu então mandei uma carta convidando para a primeira festa que eu fiz: - chamou festa de Mario Ianeta na escola. O Luigi Bauducco foi, e ele dá todo ano, esse ano ele deu quase oitenta panetones. Agora ele só foi a uma festa e não foi às demais e, vou dizer por que: - eu quando recebi a primeira dose de panetone na escola, pensei: - ele deve estar aí, e eu então chamei e disse vou fazer com que ele faça parte da mesa, e chamei e ele não veio, eu a distancia assim. Quando terminou a festa, ele veio me cumprimentar, eu falei: - professor, doutor, aluno, eu sei que você é o Bauducco, e porque quando eu chamei o Luigi Bauducco não veio. E ele falou eu vou contar uma coisa para você: - eles estão assaltando as pessoas que tem um pouco de dinheiro, eu estou sendo visado. E eu vim, mas eu não vou aparecer e estou. Mas por favor, não comente, e eu vou embora. Não chama. Eu vou mandar sempre

uma lembrança para você. A secretaria dele chama Miriam, e esse ano, ele me mandou mais de 60 panetones, gratuitamente, e eu faço sorteio destes panetones. A festa consta: primeiro nós fazemos a parte mais de apresentações, para deixando a vontade os colegas, até o onze e meio a meio dia.

**M. laneta:** Ai eu abro e chamo o deputado Demarchi. Sabe o hino da escola.

**M. Lucia:** Demarchi é um nome de rua em São Bernardo.

**M. laneta:** Eu não sei, mas ele é de Rio Claro e, eu já perguntei e, eu acho que ele não quer que seja parente dele. E ele disse que não tem parentesco nenhum com esses Demarchi.

**M. laneta:** Eu já perguntei. Mas ele vai a todas as festas. Olha esse ano, bem perto da eleição ele foi com a família na festa da escola. Eu canto junto com ele o hino da escola.

**M. Lucia:** E ele é de que partido?

**M. Lucia:** Hoje é DEM. Mas ele, eu tive um caso de um sobrinho que ele foi pedir um favor para o Aldo Demarchi, e ele pediu pensando, Aldo Demarchi, eu estive nas festas, e ele vai me receber bem, e ele ficou conversando, e enquanto eu não falei Mario laneta, o tratamento foi outro, viu e aí o que eu precisava. E ele falou o que o Mario pedir, para mim é uma ordem, ele falou. E o meu sobrinho realmente tem uma casa de repouso, e o que sobra das festas eu dou para essa casa de repouso, pode continuar, desculpe.

**M. Lucia:** Imagina.

**M. laneta:** Não sei se respondi a sua pergunta.

**M. Lucia:** Eu também queria lhe fazer outra colocação. Os médicos eles iam a escola como o senhor falou. Na década de 60, eu acho que eles saíram do Departamento, não é?

**M. laneta:** Eu tenho a impressão que depois de 70, eu fui chefe de gabinete, eu fui convidado pelo Ubirajara na ocasião que era o coordenador, e eu tenho a impressão que os médicos já não faziam parte.

**M. Lucia:** Eu acho, porque o Pompêo se aposentou em 61.

**M. laneta:** 61

**M. laneta:** Mas ele trabalhou bem antes. Ele era do interior?

**M. Lucia:** A família dele era de Campinas, mas ele se formou em Medicina na USP, ele se formou em 32.

**M. Ianeta:** Eu tenho impressão que os dois livros, vou ver no livro do Arnaldo Laurindo.

**M. Lucia:** O senhor vai ver que eu cito muito o livro do Arnaldo Laurindo. O senhor vai ver que tem muitas informações neste artigo, que eu tirei lá do livro do Arnaldo Laurindo, eu cito o Arnaldo Laurindo.

**M. Lucia:** Outra coisa professor: - eu estou trabalhando agora com patrimônio industrial, eu decidi trabalhar com os cursos ferroviários, eu posso deixar com o senhor. No livro do Arnaldo Laurindo ele disse que teve na escola o curso ferroviário lá na Getulio Vargas

**M. Ianeta:** A escola só tomava conhecimento, mas não eram considerados professores da Getúlio, ocupava o espaço e a noite só curso noturno.

**M. Lucia:** Será que eu fazendo pesquisas lá no Centro de Memória, eu vou encontrar.

**M. Ianeta:** Nada.

**M. Ianeta:** Durante o tempo que eu era diretor, nunca ninguém chegou com um caso do curso ferroviário.

**M. Lucia:** O senhor vai ver o seguinte, que formou os núcleos, pode ser que a administração de tudo isso ficava em outro lugar, só usava o espaço, mas a documentação ficava em outro lugar.

**M. Ianeta:** Eu tenho um arquivo da escola, mas eu acho que não foi encontrado nada, eu vou citar uma coisa que nós tínhamos.

**M. Lucia:** Vou deixar este aqui também com o senhor.

**M. Ianeta:** Tá bom. A senhora ta dizendo que vai usar o arquivo da escola, e não vai encontrar nada lá, sabe por quê? Eu quando eu saí da escola, como diretor do Luther King, separado da Getulio, eu me lembro, que fui chamado pelo diretor da época, que era um que veio de Ribeirão Preto, porque o apelido dele era Cigarrinho, ele fumava tanto, também me cita. Porque ele veio de Ribeirão Preto, ficou três meses e se aposentou, e me indicou outra vez que eu devia ser o diretor, porque eu era o vice-diretor dele, que ficou seis meses e também me indicou. Esse vice-diretor me chamou. Como eu posso citar isso, vamos deixar de lado isso, porque ele ficou tão pouco tempo, mas ele veio de Ribeirão Preto e lá em Ribeirão ele tinha nome, ele era um bom pintor.

**M. Lucia:** Que ano era isso?

**M. Ianeta:** Falando também.

**M. Lucia:** Por que isso que o senhor está me contando, veio alguém de Ribeirão Preto que era um pintor famoso, e ele trabalhou um pouco na Carlos de Campos como professor, e este consta lá na documentação da Carlos de Campos.

**M. Ianeta:** Não era esse. Esse era pintor tinha uma fama, e chegou a São Paulo, na Getúlio, como diretor, e não chegou a ser professor da feminina.

**M. Lucia:** O problema era a questão da nomeação, era muito político. Essa escolha não era muito político antigamente?

**M. Ianeta:** Eles faziam concurso de remoção. Todos esses que foram, foram por que no concurso de remoção, e eles tinham mais tempo de escola em exercício e eles ganhavam muitos pontos, e esse professor de pintura de Ribeirão Preto, me foge, eu tenho certeza que ele entrou em concurso de remoção, e outro de Ribeirão, de Sorocaba, e o de Lins, todos no concurso de remoção, agora se dentro do concurso de remoção, se houve marmelada, eu não sei.

**M. Lucia:** Eu digo por que hoje para escolher o diretor, o pessoal vota nos três e o superintendente escolhe um dos três.

**M. Ianeta:** Na Getúlio Vargas agora é um absurdo, foram três, e não seguiram a ordem, nada. Isso é um absurdo, porque essa prova então, por que esse concurso, se eu estivesse lá ia entrar com recurso.

**M. Lucia:** Mas é o superintendente que escolhe, acho que isso é oficial, tá.

**M. Ianeta:** No meu tempo como eu falei era concurso de remoção, os que foram para Getúlio ganhavam uma letra ou duas a mais e eles vinham mais não conheciam nada, entre nós aqui, mesmo na escola deles eram durões e exigiam, e na nossa escola Getúlio Vargas não chegavam a tomar conhecimento, porque ficavam pouco tempo.

**M. Lucia:** Quando eu comparo o currículo do curso da Escola Profissional Feminina com o currículo do curso de Economia Domestica da escola do interior, a escola em São Paulo tinha muito mais carga horária, muito mais disciplinas, certamente devia acontecer o mesmo com a escola masculina, devia ser um nível muito maior que no interior.

**M. Ianeta:** Muito maior. A escola no interior tinha só o curso básico e o professor não precisava ser de curso superior. Nós tínhamos professor que foram efetivados por tempo de serviço, professores que nos tínhamos. Olha eu como diretor precisava fazer milagres para convencer os pais, que tinha que ser daquele jeito e não de outra forma, por que muitos pais tinham muito mais capacidade do que os professores. Eu pensei: - dá só analfabeto, e você, como Técnico de Educação, era uma coisa diferente, e disse mais, porque, só fui diretor por ter o curso do Pedagógico, mas não foi o curso que me deu.

**M. Lucia:** Agora os professores eles produziam material didático, como era feito?

**M. Ianeta:** É bom que você, saiba como era feito, depois o Departamento começou a preparar o material para o ano, e também, as provas de exame, tanto do semestre como do ano, eram preparadas por nós. Nós éramos chamados no Departamento, lá tinham técnicos de educação, mas não conheciam nada sobre o ensino técnico. Nós técnicos em educação tínhamos que opinar sobre as questões, e não sei se falei isto: - nós, todo término de semestre. Nós íamos, nas escolas, com os exames para ser aplicadas nas escolas do interior, quem e o elemento, mas se achava inferiorizado, porque ele tinha sido aluno do elemento que estava lá, ainda na Getúlio como professor. Mas, os que estavam no interior, nós íamos com as questões. Eu achava um absurdo isso, nós éramos obrigados a ir. E eu dizia: - você ia aplicar questões preparadas no Departamento, e muitos não se conformavam com isso. Os professores o que nos fazemos papel aqui, e ainda bem que tiravam os exames das questões, das questões formuladas durante o semestre, não era o professor que preparava as questões no meu tempo. Era o diretor de Santo André, ele foi meu colega de curso, só que ele fez Máquinas e eu Eletrotécnica, ele faleceu coitado, e ele foi nomeado diretor desta escola. Fez um sucesso tremendo e ele era um dos elementos que era chamado, hoje é falecido. Ele fez o básico industrial e depois fez Máquinas e Motores. Tinha experiência e no período que adquiriu no técnico

**M. Lucia:** No período que o senhor estava na Getúlio Vargas tinham alunos de fora também? Vinham alunos de fora do Brasil? Me, falaram que tinham bolivianos.

**M. Ianeta:** Nada disso, no meu tempo, nos tínhamos sim alunos que foram classificados para o internato que eram do interior, não me lembro de nenhum caso, parece que teve um caso, formando italiano, parece que um só que eu lembro. O forte não era: - nós tínhamos 60 vagas, prestavam exames para entrar no internato, o mesmo exame, ele tinha que ser aprovado na classificação geral para ser aluno da escola e ser aprovado para ficar entre os 50, melhores notas, para ficar no internato. A lei era para o técnico, mas dava também para a mestría. Eu acho errado por que a lei dizia que era só para o técnico, mas a escola dava. A Getúlio recebeu muitos alunos para a mestría.

**M. Ianeta:** Eu tenho um que foi meu compadre, Américo Carvalho, e ele fez o curso lá no internato, e ele veio de escola de interior, de Campinas, ele fez mestría. Ele não fez o técnico.

**M. Lucia:** Quer dizer fora do Brasil, não?

**M. Ianeta:** Veio um elemento conhecido até por gaúcho, ele foi meu calouro. Mas esse que veio de fora, o gaúcho. Acho que veio na terceira turma. Eu fui o causador, quando eu passei a presidente, no finzinho da terceira serie, já era presidente do grêmio e disse vamos mudar o trote que vocês vinham

dando. Eu quero um negócio um pouco diferente, então entre outras coisas nos raspávamos o cabelo, pois bem: - o gaúcho tirou uma faca e não permitiu que cortasse o cabelo dele. Eu já estava como Técnico em educação, fazendo às vezes do diretor, por que eles se consideravam aluno de faculdade, aluno do curso técnico. Eu falei com o senhor Barros, a maioria, tá bom desde que não machuque e não faz nada.

**M. laneta:** Eu falei vamos copiar aluno de faculdade (toca sirene lá fora). Eu não era presidente, o diretor era o seu Barros, e eu falei Sr. Barros eu como presidente do grêmio.

**M. laneta:** E o aluno, o gaúcho, foi para o diretor e mostrou que não cortaram o cabelo dele, e disse que ele matava, e o seu Barros me chamou, e daí ele pegou a tesoura e cortou o cabelo dele. E daí ele ficou quietinho, e disse não me leva a mal. Eu era o presidente, mas não fui me expor, e ainda bem, na diretoria ele perdeu a cabeleira. (risadas)

**M. Lucia:** Mas por que tinha o internato? Por que a maioria era do interior e tinha que ser do ensino profissionalizante?

**M. laneta:** Tinha que ser aluno, por exemplo, o Aldo Demarchi ele fez numa escola de Rio Claro.

**M. Lucia:** Só para dizer que em Rio Claro tinha o curso ferroviário também.

**M. laneta:** O ferroviário eu lembro que existia, mas eu nunca tratei de um caso de aluno ferroviário, eu nunca suspendi, era curso noturno e eu não me lembro de nenhum caso e não vai encontrar nada. Porque no arquivo da escola não tem e do arquivo que eu ia falar: - era curso noturno devia ter uma exigência, maior de 14 anos.

**M. laneta:** O aluno que pedia um histórico escolar tinha dificuldade a direção da escola de dar, porque primeiro não conheciam bem a estrutura antiga, e o aluno foi matriculado no curso errado e não conheciam nem o nome do curso. Eu fui chamado, por que eles queriam o histórico do aluno e já procurei e não encontro. Eu fui ao arquivo da escola, livro no chão cheio de cupim, caldo grosso e preto, e os livros no chão. Eu perguntei o senhor é o diretor da escola, mas eu nunca vim aqui.

**M. Lucia:** Que horror.

**M. laneta:** No meu tempo isso não funcionava aqui, no meu tempo tinha uma pessoa que cuidava dos livros e da biblioteca. Vai ser difícil encontrar alguma coisa ligada ao passado.

**M. Lucia:** O senhor já foi no Centro de Memória da Getúlio Vargas?

**M. laneta:** O Saito foi, mas a que estava responsável tiraram a mulher lá, mas tiraram a mulher lá, e a Nilza Camargo.

**M. Lucia:** A Nilza Camargo, na época dela estava funcionando bem.

**M. Ianeta:** Eu não tinha mais nada com a Getúlio Vargas. Mas eu tinha uma ideia de como era, e a Nilza me ajudou muito.

**M. Lucia:** Os documentos estão lá ainda. Agora como eu estou entrando no projeto ferroviário, eu vou começar a visitar o Centro de Memória.

**M. Ianeta:** Conforme for eu vou lá. Eu tenho impressão que o número de aluno era pequeno

**M. Lucia:** Certamente. Eu agora dia 7 da próxima semana, eu vou ao Centro Ferroviário lá de Jundiaí, parece que lá tem alguma coisa, o senhor vai ver, até nesse artigo, tem uma entrevista com uma professora. Eu queria ver o livro do Arnaldo Laurindo.

**M. Ianeta:** Eu vou pegar lá (fim da gravação do vídeo três)

**vídeo quatro** (Mario Ianeta com a dona Helena, sua esposa, tentei tirar uma fotografia, mas ficou este vídeo mal gravado)

## Descritores

Alimentação e Nutrição

Antonio de Assis Nogueira

Arnaldo Laurindo

Associação do Ensino Industrial e Agrícola (ADEIA)

Basilydes de Godoy

Cardápio

Carlos Siinele

Cento de Memória da Getúlio Vargas

Cinquentenário do Centro Paula Souza

Colégio Martin Luther King

Currículo

Curso Básico Industrial

Curso de Mestria

Dalila Ramos

Departamento de Ensino Técnico

Deputado Aldo Demarchi

Desenho Técnico  
Dietistas  
Diógenes de Almeida Marins  
Eletrotécnica  
Escola Escolástica Rosa  
Escola Politécnica  
Escola Técnica Carlos de Campos  
Formação profissional e tecnológica  
Francisco Pompêo do Amaral  
Garcia Lealque  
Ginásio Industrial Getúlio Vargas  
Guido Gonçalves de Albuquerque  
História da Educação Profissional  
História Oral na Educação  
Internato  
Instituto Pedagógico do Ensino Industrial  
Luigi Bauducco  
Maria Lucia Mendes de Carvalho  
Mario Ianeta  
Mario Saito  
Médico-chefe  
Memória do trabalho docente  
Nilza Camargo  
Osório Bella  
Paulo Guaracy da Silveira  
Registro de Entrevista  
Rocha Mendes  
Secretaria da Educação  
Técnico em Educação  
Ubirajara Miranda Ramos  
Walter Costa  
Washington da Costa Pedro  
Yonne Cintra de Souza

## Dados Biográficos do Entrevistado



Mario laneta e sua esposa Helena, em entrevista na sua residência em 31 de janeiro de 2012.

Fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Mario laneta nasceu em 1922, em São Paulo. Ingressou como aluno no curso de Eletrotécnica da Escola Técnica Getúlio Vargas, de 1943 a 45, quando ingressou como profissional na empresa Nitroquímica. Em 1946, o diretor Alfredo de Barros Santos convida-o para trabalhar na Getúlio Vargas, atuando nessa escola, mas como Técnico em Educação no setor Técnico e Pedagógico de Industrias Diversas do Departamento de Ensino Profissional, entre 1948 e 1961. Por diversas vezes atuou como vice-diretor ou diretor substituto na Escola Getúlio Vargas. Em 1959 participa da comissão que elaborou o antiprojeto de lei sobre a nova organização do Departamento de Ensino Profissional, aprovado por meio do decreto estadual n. 35.070, de 11 de junho. Mario laneta também participou da comemoração do cinquentenário da educação profissional pública no estado de São Paulo, por meio da comissão de festejos, designada pelo Ato 23 do Secretário, em 24 de junho de 1961. Com a divisão da Escola Getúlio Vargas, em unidades do Ipiranga, a única com curso técnico, e do Tatuapé e da Vila Prudente, onde funcionavam os ginásios industriais, Mario laneta que era diretor das três unidades, em 1964, passou a ser diretor da unidade Tatuapé, posteriormente denominada Escola Técnica Estadual Martin Luther King, e, em 1971 licenciou-se para atuar como chefe de gabinete na gestão de Ubirajara Miranda Ramos, que era Coordenador do Ensino Técnico na Secretaria do Estado de São Paulo. Aposentou-se em fevereiro de 1980.

## Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho tem pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015) e Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017).

**Anexos** (documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais do entrevistado

Termo de Autorização para uso de Imagem do entrevistado